

---

## Da arte grega à “arte degenerada”: uma análise semiótica do documentário Arquitetura da Destruição<sup>1</sup>

Rebeca de Melo DODT<sup>2</sup>

Carmen Luisa Chaves CAVALCANTE<sup>3</sup>

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

### RESUMO

O presente estudo corresponde a uma análise semiótica proposta pela disciplina “Estudos de Linguagem”, cursada no ano de 2018.2. Possui como principal foco a exploração do documentário “Arquitetura da Destruição” (Suíça, 1989, Peter Cohen) pelo viés da Semiótica Russa, ou Semiótica da Cultura, tendo como objeto de análise a comparação feita entre as deficiências físicas e mentais de alemães e as figurações distorcidas e assimétricas da arte moderna, tida como degenerada pelo regime nazista. A comparação possuía como objetivo principal o fortalecimento da propaganda política que tinha por fim último o extermínio de judeus, de doentes físicos e mentais no intuito de promover a extinção do caos e o embelezamento do mundo. O padrão de saúde e de beleza nazistas possuía referências nas artes gregas, que buscavam a simetria e a proporção em suas representações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semiótica russa; cultura; análise; filme documentário; comunicação.

### 1. Introdução

Refém de um regime totalitarista, a Alemanha encontrava-se em um cenário político e ideológico bastante particular entre os anos de 1933 e 1945. Eram os tempos sombrios do nazismo... Cenário construído em meio a uma forte crise econômica e com base em uma propaganda política que se valeu do maniqueísmo nos discursos para

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Unifor, email: [rebecadodt@edu.unifor.br](mailto:rebecadodt@edu.unifor.br)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da Unifor, email: [kaluchaves@gmail.com](mailto:kaluchaves@gmail.com)

---

disseminar o ideal de uma nação que exaltasse, entre outras coisas, a higienização social, a pureza racial e o padrão de beleza grego, enaltecidos tanto nos corpos do povo alemão quanto nas produções artísticas que lhes diziam respeito na época.

Partindo desse pressuposto, temos o documentário *Arquitetura da Destruição* de Peter Cohen (1989), que busca através dos mais variados documentos históricos, (filmagens, áudios, fotografias, jornais e etc) comprovar a manobra ideológica engendrada por Hitler para com a sociedade alemã e evidenciar a diversidade dos materiais propagandísticos construídos para incentivar a propagação do ideal nazista.

Serão estudadas as cenas do filme nas quais é apresentada a exposição artística chamada de *Arte Degenerada*, realizada no ano de 1937, e as cenas em que são mostrados os estudos comparativos realizados pelo teórico nazista Paul Schultze-Naumburg, com o objetivo de relacionar deficiências físicas e mentais aos judeus e às suas produções artísticas, no caso ligadas às vanguardas modernistas, tidas como degeneradas por Hitler e pelos demais membros do partido nazista.

Entendemos a análise semiótica de extração russa como o estudo voltado para a constituição das linguagens verbais e não-verbais no âmbito das culturas. Pensadas como sistemas de signos que se põem em semiose, as linguagens interessam a este estudo tanto do ponto de vista estético quanto ideológico. Afinal, é a partir das linguagens, no caso as utilizadas e consumidas pelos adeptos da ideologia nazista, que se velam e se revelam a ideologia que em poucos anos levou à morte ciganos, homossexuais, deficientes físicos e mentais e mais de seis milhões/mil judeus na primeira metade do século XX.

## **2. O regime estetizado**

Dentro do que se tinha intitulado como regime nazista, existia uma necessidade exorbitante, por parte de seu comando, de relacionar a política com as artes e, a partir disso, construir a base do desenvolvimento político, caracterizando o ideal social.

Hitler costumava dizer ser a arte produto da grandeza política nacional. Arte e política eram por ele concebidas como uma única e mesma coisa e a ela fazia constantes referências, como termos quase intercambiáveis. No congresso do partido, em 1936, afirmou serem a

---

arte e o Estado produtores de uma força criadora (LENHARO, 1995, p.36).

A Alemanha viria a possuir um governo que baseava suas diretrizes em afirmações estético-culturais. Muito disso pôde ser observado na construção da Exposição de Arte Degenerada no ano de 1937 em Munique, que dialogava diretamente com obras de vanguardas modernas e fotografias médicas dos acervos de asilos e hospitais psiquiátricos.

As comparações foram mantidas até o fim como forma de relacionar a existência daquelas obras modernas com suas figurações distorcidas, assimétricas, e seus aspectos negativos, ao povo judeu e aos que fugissem do ideal estético corporal padronizado da pureza alemã. Além disso, havia também um diálogo dessa exposição, de modo mais ou menos explícito, com a veiculação frequente de filmes e cartazes de propaganda que viriam a descrever os judeus como seres semelhantes a ratos e a insetos que fizessem alusão à destruição e à sujeira como um todo.

A propaganda lança mão do emocional, utilizando-se de várias metáforas que podem ser divididas em dois grupos bem definidos; o da praga e da peste (ratos e todos os tipos de doenças contagiosas) e o de animais associados à sujeira e imundice, dentre as preferidas estão mais uma vez o rato e o porco em oposição à ordem e limpeza' do nacional-socialismo (DIEHL, 1996, p.93).

### **3. Textos da cultura, cultura como texto**

O que temos como principal aspecto dentro da análise semiótica russa é o entendimento da cultura como um ser comunicante, uma espécie de inteligência coletiva que acumula, transmite e gera informações. Para essa vertente da semiótica, a cultura será descrita então como um texto ou sistema complexo de signos. É o que diz Irene Machado:

Para a semiótica, a cultura é um conjunto de informações não-hereditárias que são armazenadas e transmitidas por grupos em domínios diferenciados de manifestação da vida (MACHADO, 2003, p.157).

---

A noção de texto assemelha-se à ideia de uma teia, um emaranhado de signos e seus limites de atuação. Implica, desse modo, na existência de uma fronteira semiótica que define as bordas daquele texto e lhe confere identidade própria e um sentido.

A noção de texto se aplica não apenas a mensagens da linguagem natural mas a todos os portadores de sentido: cerimônia, obras de arte, peça musical. Vale dizer, todas as mensagens que podem ser definidas como gênero: uma reza, uma lei, um romance etc. Mensagens que possuem um certo sentido integral e cumprem uma função semiótica (MACHADO, 2003, p.168).

Segundo Lotman, o texto tem uma natureza heterogênea. Ele é, portanto, múltiplo. Entre outras coisas, vive da criação e existência de subtextos que o definem e constantemente o transformam.

Nesse sentido, a configuração de uma determinada cultura se dará então a partir de seu desenvolvimento, baseado na comunicação com o fora, o outro, e na comunicação que também se dá entre as partes ou textos que internamente a constituem. A frequência com que há trocas de informações com outros textos, e o modo como elas se dão, irão servir como uma espécie de guia na construção e na sobrevivência desses sistemas complexos.

Tal constituição, por ser móvel e permissiva, não pode ser pensada a partir do conceito de estrutura, mas aceita a ideia de estruturalidade na medida em que é fluida e vive do constante trânsito entre as suas partes comunicantes. Uma constituição que se revigora a cada interação e diálogo; que se refaz a partir da complexidade de um dinamismo interno em que a todo instante alterna espacialmente o que lhe é central e o que se encontra em sua periferia.

O centro do texto, para os teóricos da semiótica russa, sobretudo Iuri Lotman, tende a guardar as informações mais estáveis, enquanto que a margem ou a periferia daquele sistema é o lugar por excelência do diálogo com o outro, da troca informacional com aquilo que está fora, o não-texto ou mesmo o anti-texto.

De certo modo, pode-se dizer então que o texto é capaz de construir sua própria organização de maneira hierárquica no decorrer de sua interação com outros textos, de onde pode vir a escolher se algo existente no outro é relevante para que seja por ele re-significado e, por sua vez, incorporado ao seu centro ou à sua periferia. Conforme

---

Lotman, o que vai ao centro ou à periferia acaba por se organizar também em textos, ou mesmo sub-textos, se pensarmos que estas são partes de um todo maior.

Finalizando, vale dizer que a transmissão de informação com o que está fora, no além-fronteira que perfaz todo o ser daquele texto cultural, se dá pela necessidade de sobrevivência da própria cultura. E esta sobrevivência da cultura ou texto só irá acontecer mediante a troca, por meio da eterna transformação de si mesma, no caso, pela re-leitura ou re-significação do novo e do desconhecido.

#### 4. Análise do documentário

Observando as cenas acima indicadas sob um olhar mais crítico e específico, e fazendo uso da Semiótica da Cultura como apoio, podemos iniciar a análise do documentário determinando o texto principal a ser estudado no filme, que virá a ser o nazismo como um todo, já que as cenas evidenciam traços de uma cultura que apresenta a ideologia nazista em algumas de suas manifestações.

O texto em questão trata de uma ideologia associada ao Partido Nazista, donde veio a ser popularizada no cenário Alemão em meados de 1933, perdurando até 1945.



Figura 1 - Ideologia nazista

O nazismo buscava a pureza do povo genuinamente alemão e seus líderes estavam dispostos a fazer qualquer ação para que essa vontade se concretizasse.

Para os artistas nazistas, na arte grega, as funções vitais do ser humano aparecem em toda a sua integridade: a mulher é mãe e o homem é viril, guerreiro. Ademais, a arte grega mantivera-se imune à ação corruptora do comércio judeu e não sofrerá contato com as artes inferiores: a africana e a dos movimentos de vanguarda tais como o expressionismo, o cubismo e o dadaísmo.” (LENHARO,1995, p.51)

Dentro do nazismo em sua totalidade, temos subtextos que facilmente irão explicar e detalhar essa análise. Os subtextos na semiótica de Lotman (apud MACHADO et al, 2007), ajudam a possuir uma visão mais específica sobre determinados textos, o que acaba por facilitar a leitura e o estudo das culturas.

Além dos subtextos, têm-se presente os conceitos de cultura Material e imaterial que serão melhor explorados no decorrer desta análise.

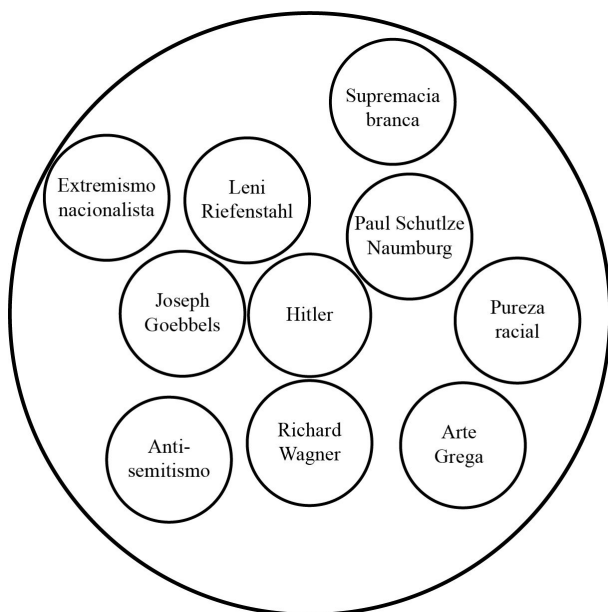


Figura 2 - Alguns sub-textos da ideologia nazista

No texto em questão, temos os seguintes subtextos: hitler; arte; pureza; extremismo nacionalista; supremacia branca; anti-semitismo. Todos contribuem na compreensão estrutural do nazismo e dentre os subtextos relevantes na presente análise vemos que há sempre um trânsito de ideias, de informações. A respeito desse trânsito, que gera transformações e re-leituras, podemos pensar naquilo que Lotman chamou de modelização.

---

Conforme Lotman (apud MACHADO et al, 2007), a modelização consiste em uma relação de poder e influência de um texto para outro. Dentro do contexto temos a modelização de Hitler como um foco de extrema mudança no cenário social alemão, através da aplicação de ideais com fortes doses de intolerância perante os judeus, esses que foram considerados uma possível ameaça ao alcance do sangue puro, da harmonia social e dos bons costumes.

Sendo assim, podemos afirmar que toda uma sociedade foi modelizada por Hitler e seu imaginário, chegando a possuir determinadas crenças e costumes, antes nunca postos em prática. Modelização que era constantemente executada por meio de discursos de ódio, propagandas racistas, carregadas de ideologia e que deflagrou a segunda guerra mundial.

Hitler possuía grandes influências estéticas e ideológicas por parte da cultura greco-romana e de suas produções artísticas. Os ideais estéticos dos gregos, sua fixação pelo ser humano perfeito e sua construção social, são alguns dos pontos apreciados e inseridos no pensamento nazista.

A arquitetura, para Hitler, deveria expressar a grandeza de um regime, de uma época, de um povo, de uma raça; no entanto, a arquitetura não viria apenas expressar a unidade e o poder alcançados pela nação; ela poderia também criá-los.[...] O neoclássico predomina nas grandes construções, como na nova chancelaria, em Berlim, e encontra-se disseminado entre artistas e intelectuais nazistas, que se julgavam os continuadores da tradição clássica da arte grega. (LENHARO, 1995, p.49-50)

A maneira de inserir a estética grega no cenário alemão, se baseia na "limpeza", proposta por Hitler, de tudo o que fugisse de seu padrão proclamado de beleza. Desde os corpos da população alemã até à arquitetura e às artes, tudo deveria ser socialmente aceito e conduzido pelo regime nazista.

Mas, como pôde ser observado no documentário, temos a presença de duas figuras importantes que também serviram de referência teórico e artística para o embasamento do pensamento de Hitler dentro do texto nazista: Paul Schultze-Naumburg e Richard Wagner. Nesse caso, tivemos a tradução - que também pode ser vista como uma espécie de co-criação - operada por Hitler a partir dos

---

conceitos de Richard Wagner (artista) e Paul Schulze (teórico), para que a base do nazismo pudesse ser construída.

Os conceitos nazistas que então pertenciam não somente a Hitler mas também a , Richard Wagner (artista) e Paul Schulze (teórico), eram baseados em: anti-semitismo; mito do sangue puro; padrões estéticos providos de esculturas gregas; arte como sendo espelho da saúde racial. Joseph Goebbels, ministro da propaganda de Hitler, foi quem deu forma a esses conceitos, criando os símbolos nazistas, como a suástica e as bandeiras, além de parte dos cartazes e, juntamente com a cineasta Leni Riefenstahl, dos filmes.

Tendo por base o que foi dito, temos a arte como um forte polo não apenas de cultura material (os cartazes, os filmes e etc) e imaterial (os modos de marchar e fazer a saudação a Hitler, as formas de pensar o bem coletivo e belo dos corpos, entre outros) do nazismo, mas como talvez um de seus principais sub-textos, tendo-se em vista as grandes modelizações ligadas a Hitler e sua equipe.

Partindo do conceito de um belo notadamente re-significado por parte desses homens de poder, dentro do nazismo, a arte surge então como uma espécie de escala que irá determinar o que se enquadra como saudável ou aceitável ao olhar e a sociedade enquanto convivência.

Ao contrário da arte grega, que prima pelas proporções e simetria, a arte tida como degenerada nada mais era que a arte voltada para fortes doses de experimentação e desafio do real. No entanto, para os conservadores extremos, como foi o caso dos nazistas, não existe espaço para quebra de padrões ou costumes; logo a arte moderna não ganha tanto espaço na sociedade nazista, a não ser como massa de manobra visual em favor de um regime totalitário.

## **5. Considerações Finais**

Partindo das observações realizadas, é evidente que Hitler possuía fortes referências estéticas que influenciaram a construção de sua ideologia nazista. Seus conceitos foram baseados em uma arte geralmente classificada como de grande



---

importância e erudição, mas de valores estéticos já não tidos como válidos, ao ponto de serem empregados como um modelo de governo do início do século XX.

Nesse sentido é que a relação proposta entre semiótica da cultura e nazismo trouxe a este estudo a contextualização de uma sociedade construída a partir de referenciais artísticos resgatados de uma memória longínqua, como é o caso da que pertence à cultura grega. Um resgate amplamente presente nos materiais da propaganda nazista e em suas mensagens que atualizam essa memória re-significando-a e, portanto, a ela dando novos sentidos e contextos.

Foi graças a essa re-significação e a muitas outras, aqui não mencionadas, que o nazismo pôde crescer com desenvoltura, a ponto de ainda hoje perdurar em ideias de jovens que se auto-proclamam neo-nazistas e, inclusive, a ponto de continuar despertando o interesse de marqueteiros da política, cineastas (como é o caso de Peter Cohen), e por que não dizer, destas que escrevem este artigo.

Sendo assim, os grupos neo-nazistas, esses filmes, artigos e campanhas políticas ... todos eles também podem ser vistos como textos da cultura, por sua vez modelizados de modos diferentes pelo nazismo de Hitler, mas também delimitados por novas fronteiras. No entanto, para falarmos sobre este assunto, teríamos que começar um outro estudo. Quem sabe no futuro, mais a frente ...

## REFERÊNCIAS

- ARQUITETURA da Destruição. Direção: Peter Cohen. Suécia, 1989.(110 min.) Son, Color
- DIEHL, P. **Propaganda e persuasão na Alemanha nazista**. São Paulo: AnnaBlume, 1996
- LENHARO, A. **Nazismo**: "o triunfo da vontade". São Paulo: Ática, 1995
- MACHADO, I. **Escola de semiótica**: a experiênciade Tártu-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê, 2003.
- MACHADO, I et al. **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: AnnaBlume, 2007